

CONFISSÕES
EUROCÊNTRICAS
uma aventura exótica no
coração do Novo Mundo

*Cornélia Eckert
Ana Luiza Carvalho da Rocha*

*O eu não é apenas odioso:
não tem lugar entre um nós e um nada.*

C. Lévi-Strauss, Tristes Trópicos.

As experiências temporais vividas na América pelo antropólogo Claude Lévi-Strauss estão registradas na sua obra Tristes Trópicos. Comentando em particular a viagem iniciática que fez ao Brasil, o autor nos convida a refletir sobre as cidades do Novo Mundo – que “vivem febrilmente uma doença crônica: eternamente jovens”, sem jamais serem saudáveis, porém, – e “certas cidades da Europa que adormecem suavemente na morte”. Ao se perseguir as diversas camadas da contemplação estética que encerram as confissões do pensamento levistraussiano sobre a paisagem das “cidades fetais” do Novo Mundo, em oposição às cidades mumificadas do Velho Mundo, pode-se retrair o percurso de seu travelling mental no encontro do outro, ou do si-mesmo.

É comum identificarmos academicamente a obra *Tristes Trópicos* como uma das mais belas “etnografias” que tratam das experiências temporais do antropólogo Claude Lévi-Strauss no encontro do outro, ou do si-mesmo, em que o Brasil que conhece e percorre lhe será o metacontexto estruturalista. Confissões, diário de campo, arqueologia das lembranças, viagem filosófica, ensaio etnológico, difícil precisar.

De fato, *Tristes Trópicos* é um ensaio subjetivo, em que o antropólogo se entrega a uma etnologia reveladora do eu, estilo de narrativa etnográfica que contrasta fortemente com as demais obras de C. Lévi-Strauss onde prepondera seu olhar científico face às instituições culturais em seu estado quase puro, o tão citado kantianismo sem sujeito transcendental, como o denominou Paul Ricoeur¹.

A atitude de aventura intelectual que preside a viagem ordinária entre os labirintos das cidades brasileiras, na América tropical, contraposta aos constrangimentos do olhar científico, será encontrada no diário de viagem de Lévi-Strauss em seus comentários sobre a cidade de São Paulo:

*Ao invés desses turistas europeus que ficam amuados por não poderem aumentar as suas panóplias de caçadores mais uma catedral do século XIII, alegro-me ter de me adaptar a um sistema sem dimensão temporal, para interpretar uma forma diferente de civilização. Mas caio no erro oposto: uma vez que essas cidades são jovens, e extraem dessa juventude a sua essência e justificação, tenho dificuldade em perdoar-lhes o facto de não continuarem a sê-lo.*²

Neste sentido, os comentários de Lévi-Strauss sobre a “cidade síntese do Brasil meridional”, Arapongas, no Estado do Paraná, em 1938, é exemplar:

*Talvez mais preciosa, a cidade se situa na confluência da natureza e do artifício. Congregação de animais que encerram dentro de seus limites sua história biológica e que ao mesmo tempo a modelam com todas as suas intenções de seres pensantes, por sua gênese e por sua forma a cidade depende simultaneamente da procriação biológica, da evolução orgânica e da criação estética. É a um só tempo objeto da natureza e sujeito da cultura; indivíduo e grupo; vivida e sonhada; a coisa humana por excelência.*³

Comparando-se os relatos sobre o sertão do Brasil e as cidades situadas na costa litorânea, a narrativa biográfica e etnográfica de Lévi-Strauss se abre a contradições. Os Trópicos despontam, a um só tempo, tristes e exuberantes. Reconhece, o autor de

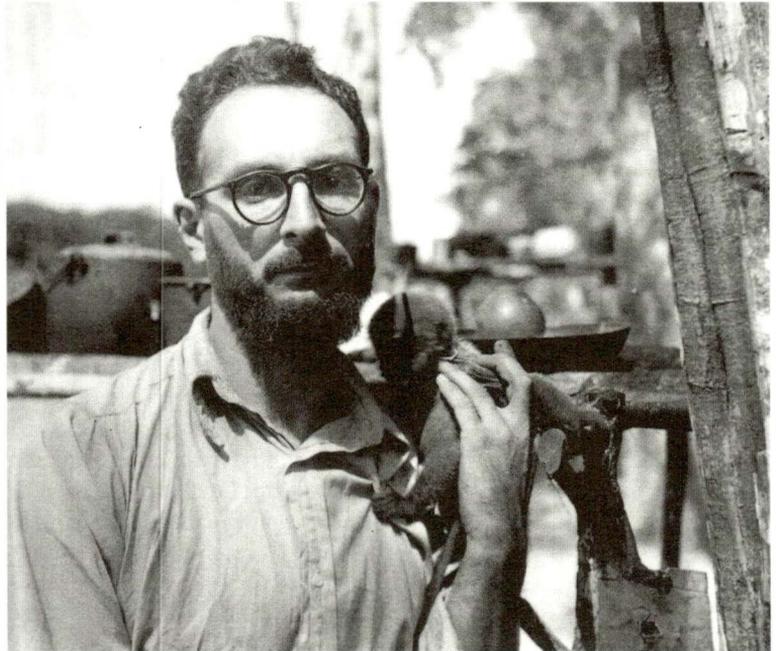
¹ RICOEUR, Paul *apud* ECKERT, Cornélia e ROCHA, Ana Luíza Carvalho da. A interioridade da experiência temporal do antropólogo como condição da produção etnográfica. *Revista de Antropologia*. Volume 41, número 2, 1998, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. p. 107 à 135.

² LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. Lisboa: Edições 70, 1981. p. 89.

³ LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Cia das Letras, 1998. p. 116.

⁴ LÉVI-STRAUSS, Claude. *Anthropologie structurale*. Paris: Plon, 1958.

*Anthropologie Structurale (Antropologia Estrutural)*⁴, que sob os Trópicos o tempo se enrola e desdobra-se sobre si mesmo, ora percorrendo o ritmo violento e agitado das grandes transformações urbanas em sua luta para domesticar a paisagem natural, fazendo-a dobrar-se à ação humana no tempo, ora aderindo ao ritmo calmo e lento, desafiando o mito europeu do Progresso, evocando as formas de vida dos Caduveo, dos Bororo, dos Nambiquara e dos Tupi-Guarani, dos seus estilos e de suas linguagens que preponderaram nas regiões mais longínquas da costa brasileira.



Auto-retrato de Claude Lévi-Strauss no Brasil em 1938.

Adentrando a região do Pantanal, diante do espetáculo exuberante da natureza e de seus povos, a contemplação estética do etnólogo avoluma-se em melancolia, na contraposição entre os “trópicos ermos” e os “trópicos lotados”, ou o “equilíbrio superficial entre culturas primitivas e a experiência efêmera da civilização sob os Trópicos”; seu pensamento europeu projeta o futuro dos acontecimentos na Europa da II Grande Guerra: “Com a América indígena, acalento o reflexo, fugaz mesmo ali, de uma era em que a espécie se encontrava na escala de seu universo e em que persistia uma relação adequada entre o exercício da liberdade e seus sinais”.⁵

⁵ LÉVI-STRAUSS, Claude. Op. cit., 1998, p. 140.

A medida que adentra as diferentes regiões do Brasil, do litoral ao sertão, Lévi-Strauss revisita em “seu tapete voador” as suas lembranças européias, isto porque, nessa obra, que apenas

em parte nos remete ao Brasil, Lévi-Strauss, sobrepõe, em suas anotações de viagem, suas reminiscências pessoais eurocêntricas, as que compartilha com o Velho Continente. Vai-se da Ásia do Sul à América do Sul, numa espiral de associações díspares de imagens-vestígios (a Europa faustiana, a Ásia miserável e superpovoada, o pulular microbiano da América) contra as quais luta insistentemente na tentativa de enquadrá-las pela via de um pensamento que se aventura nos meandros da coisa pensada.

Neste *travelling* mental, o narrador é conduzido do Brasil central à Ásia do Sul, lá onde de início “enxergava coisa, aqui noto apenas criaturas”, de tal forma interpõe-se a “densidade humana entre o observador e um objeto que se dissolve” que, ao fundador da antropologia estrutural, cabe reconhecer: “É preciso a experiência para senti-las”, uma vez que é a experiência que, “de chofre, restitui uma dimensão fundamental da vida humana”⁶ sob os Trópicos. Trata-se aí de reconhecer, na oposição entre as “cidades mumificadas do Velho Mundo” e as “cidades fetais do Novo”, que “o que chamamos exotismo traduz uma desigualdade de ritmo, significativa durante alguns séculos, e encobrindo um destino que poderia ser igual...”⁷ Entretanto, seu pensamento euclidiano reconhece que diante do insidioso espetáculo de caos e desordem que há sob os Trópicos, “a evolução animal se cumpre segundo fases mais lentas que as da vida urbana; se hoje eu contemplasse o mesmo local, talvez verificasse que o híbrido rebanho desapareceu: pisoteado por uma raça mais vigorosa e mais homogênea de arranha-céus implantados nessas margens que uma auto-estrada fossilizou com asfalto”.⁸

Na perspectiva da poética narrativa levistraussiana quase se pode afirmar que o autor desta frase reconhece que, aos olhos do europeu, a cidade sob os Trópicos torna-se um verdadeiro objeto temporal, “... um sistema sem dimensão temporal, para interpretar uma forma diferente de civilização”.⁹ Trata-se, pois, de compreender muito mais do que explicar as ações rítmicas das quais é resultante a paisagem humanizada tropical, onde o pluralismo de solicitações temporais jamais deixou instaurar, como no Velho Mundo, a *intimidade milenar* entre o homem e o solo, na linha do *que um espírito malicioso* já havia definido a América: “uma terra que passou da barbárie à decadência, sem conhecer a civilização”.¹⁰ Cidades e sítios naturais em Bengala ou em Goiás, territórios cuja desintegração da relação entre homem e cosmos é levada ao extremo limite, aos olhos deste europeu, traduzem-se como a densidade humana largada dentro de um nada, “gerado pela história, jogados de um lado para o outro pelas motivações mais elementares do medo, do sofrimento e da fome”.¹¹

Se o tempo da narração, em *Tristes Trópicos*, é pura onduação, o trabalho da tessitura da narrativa que Lévi-Strauss expõe, na performance de sua descrição etnográfica, à revelia do Cogito

⁶ LÉVI-STRAUSS, Claude. Op. cit., 1998. p. 135.

⁷ Idem, p. 147.

⁸ Idem, p. 195.

⁹ Idem, p. 91.

¹⁰ Idem, p. 91.

¹¹ Idem, p. 134.

cartesiano do autor, espanta e interroga o seu próprio autor. Essa é, certamente, a riqueza da antropológica levistraussiana depositada nessa obra.

A tensão da obra, como nos romances de aventura, se consolida no constante embate do etnólogo com suas tradições e paradigmas, embate fundador da própria antropologia, agora projetado na descoberta do Novo pelo Velho Mundo. O autor consolida os vãos de seu pensamento, problematizando tempos e espaços relacionais, e tecendo os meandros de alteridades e de identidades, ainda que impregnado por uma visão eurocêntrica pautada no mito da História e do Progresso (de um tempo que se quer linear e contínuo), chegando, por vezes a reconhecer, no confronto com o “mundo perdido” das populações indígenas do Brasil central, que “a base de nossas especulações é tão precária, que o menor reconhecimento no terreno coloca o pesquisador num estado instável em que ele se sente dividido entre resignação mais humilde e as loucas ambições...”¹²

¹²LÉVI-STRAUSS, Claude. Op. cit., 1998. p. 184.

Em *Tristes Trópicos*, a identidade do antropólogo desponta como um conceito relacional, atópico, sem que o autor, entretanto, preocupe-se em lhe dar um tratamento conceitual e teórico; o desvelamento do contexto semântico de sua obra é tarefa do leitor aguçado. Para interpretar as próprias palavras de C. Lévi-Strauss sobre a tristeza dos Trópicos, há que se lembrar de suas obras posteriores, pois para esse etnólogo toda identidade é uma ilusão, uma ilusão totêmica, cuja natureza deve ser estudada.

No entanto, a identidade desvendada na narrativa etnográfica sobre a vida humana que se consolida nos *Tristes Trópicos* é, principalmente, a figura do antropólogo e dos seus conceitos e teorias geradas no corpo de um eurocentrismo e que se revelam, até certo ponto, inoperantes para desvendar e compreender outros mundos. Um pensamento eurocêntrico – “que o Ocidente recue às fontes de sua dilaceração”¹³ – que o próprio autor da obra corajosamente não nega, nem denega e que, por isso mesmo, mais tarde, permanecerá como fonte de reflexão até o aparecimento do seu já clássico estudo sobre o *Pensamento Selvagem*.

¹³Idem, p. 387.

Em *Tristes Trópicos*, a perplexidade do autor se desvenda na sua constatação, nem sempre tranqüila, de que o pensamento antropológico genuíno é aquele que supera a oposição superior/inferior na construção do diálogo cultural:

*Na verdade, que mais aprendi com os mestres que escutei, com os filósofos que li, com as sociedades que visitei e com essa própria ciência da qual o Ocidente se orgulha, senão fragmentos de lições que, unidos uns aos outros, reconstituem a meditação do Sábio ao pé da árvore?*¹⁴

¹⁴Idem, p. 389.



A relação tensional e conflitual entre os dois mundos – o Velho e o Novo, a Ásia meridional e a América tropical, o Brasil central e o Brasil litorâneo –, na obra *Tristes Trópicos*, se afirma, portanto, como parte da tensão vivida por seu autor entre o universal e o relativo, conforme reconhece um de seus críticos¹⁵. Nas palavras do autor, antes de sua chegada à baía da Guanabara: “O que me cerca por todos os lados e me esmaga não é a diversidade inesgotável das coisas e dos seres, mas uma só e formidável entidade: o Novo Mundo”¹⁶.

A chave-mestra, portanto, do estilo narrativo de Lévi-Strauss, nessa obra, é a idéia do deslocamento, pela forma tensional do escritor-autor estranhar-se na tentativa de encontro à lógica do outro e familiarizar-se com o Estranho, onde proliferam reflexões diversas no sentido de atingir certas formas universais do pensamento e da moralidade, apregoando a universalidade da expressão da natureza humana. Nesse sentido, Lévi-Strauss, já nas páginas finais de *Tristes Trópicos*, comenta: “Nenhuma sociedade é perfeita. Por natureza, todas comportam uma impureza incompatível com as normas em proclamam, e que se traduz de modo concreto numa certa dose de injustiça, de insensibilidade, de crueldade. Como avaliar essa dose?”. A resposta a este dilema lhe vem clara e imediatamente: “A pesquisa etnográfica consegue pois, com ela, descobre-se então que nenhuma sociedade é fundamentalmente boa; mas nenhuma é inteiramente má”¹⁷.

São os múltiplos deslocamentos, do mundo do eu ao mundo de si, até atingir a ipseidade, e do mundo do eu ao mundo exterior, na viagem que realiza entre o Velho Mundo e Novo Mundo, que permitem a Lévi-Strauss reordenar, sob a forma complexa, *Tristes Trópicos*, as camadas diversas de tempo significantes no presente da escrita, numa série de imagens encadeadas da sua vida pensada, vivida, sonhada, como bem o exemplifica o “estado de graça” que o “espírito etnográfico” lhe provoca sob os efeitos do pôr-do-sol à medida que o descreve.¹⁸

Ao deixar-se pensar através da imagem material do deslocamento, finalmente, abandona o pensamento etnográfico ao seu próprio devaneio, traduzindo tal estado introspectivo as múltiplas negociações afetivas, teóricas e práticas que realizou para finalmente experimentar a aventura de construir-se como etnógrafo sob os Trópicos. Como admitirá mais tarde, em seu retorno ao velho continente europeu: “Onde melhor do que nesse sítio, que lhe apresenta seu microcosmo, o homem do Velho Mundo, reatando com sua história, poderia se interrogar”¹⁹.

Do intervalo entre a viagem, o trabalho de campo marcado “por privações e lassidão fastidiosa” e a escrita etnográfica passaram-se 15 anos. Mas a possibilidade de remontar o tempo e retrair a narrativa da viagem aos Trópicos seduz a ponto de o próprio autor refletir sobre sua transformação de filósofo a espe-

¹⁵ Segundo Geertz. “mediante o conhecimento de outras sociedades, podemos distanciar-nos da nossa própria e construir sobre a base de um ideal situado além do espaço e do tempo, uma ordem social racional, em que o homem possa viver”. GEERTZ, Clifford. *El antropólogo como autor*. Barcelona: Paidós Studio, 1989. p. 48 e 49.

¹⁶ LÉVI-STRAUSS, Claude. Op. cit., 1998. p. 76.

¹⁷ Idem, p. 189.

¹⁸ Idem, p. 55.

¹⁹ Idem, p. 375.

Ilustração

Kunhatsin, uma das quatro mulheres de Taperahi, chefe da aldeia dos índios Tupi-Kawahib.

²⁰LÉVI-STRAUSS, Claude. “Introdução”. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, EDUSP, 1974.

²¹O capítulo 31, intitulado Robinson, explicita esse movimento de ver-se como instrumento de observação. LÉVI-STRAUSS, Claude. Op. cit., 1998.

²²LÉVI-STRAUSS, Claude. Op. cit., 1998. p. 189.

cialista *em savoir-faires*, explicitando na escrita dessa obra o que maravilhosamente elucidou na introdução à obra de Marcel Mauss²⁰. Em *Tristes Trópicos*, Lévi-Strauss é confrontado ao acontecimento inter-subjetivo em que o cientista social torna-se, ele próprio, objeto de sua própria investigação.²¹ Em suas palavras, ele comenta: “No entanto, essa aventura iniciada no entusiasmo deixava-me uma impressão de vazio. Eu quisera ir até o ponto extremo da selvageria; não devia estar plenamente satisfeito entre aqueles graciosos indígenas que ninguém vira antes de mim, que talvez ninguém veria depois?”²²

Não é por acaso, portanto, que ao revisitar sua experiência dos tempos vividos nos Trópicos e ao iniciar e finalizar a escrita de suas memórias, contrariando seu propósito de compreender a América mais do que aprofundar o estudo da natureza humana, é da morte que esse autor fala, talvez não da sua própria morte, mas da morte do outro, esvaziado de suas lembranças e tradições pela Europa faustiana e que lhe remete à ausência de futuro da civilização ocidental da qual faz parte.

Ao final de *Tristes Trópicos*, o autor inicia um percurso alucinante de indagações sobre o seu lugar como etnógrafo num mundo cada vez mais ocidentalizado: “(...) de que serve agir, se o pensamento que guia a ação conduz à descoberta da ausência de sentido? Mas essa descoberta não é imediatamente acessível: tenho que pensá-la e não posso pensá-la de uma só feita”. Logo após conclui, ao inverso do que inicialmente previa o curso do seu pensamento: “Como a pedra que bate numa onda e encrespa sua superfície ao atravessá-la, para atingir o fundo é preciso, primeiro que eu me jogue na água”. No decurso desse pensamento de expiação, a constatação trágica: “Devo dedicar-me aos homens assim como devo dedicar-me ao conhecimento”.²³

Isso porque, lá onde Lévi-Strauss denuncia a ameaça irreversível do desaparecimento de culturas tradicionais do Brasil central, por exemplo, anuncia-se sua intolerância com a civilização urbana sob os Trópicos como forma indireta de autoflagelo da mente europeia culposa do próprio processo civilizatório que desencadeou sobre outras culturas, desde a Modernidade. Nas palavras do autor: “(...) para nós, europeus e apegados à terra, a aventura ao coração do Novo Mundo significa antes de mais nada que ele não foi o nosso, que carregamos o crime de sua destruição e que, em seguida, não haverá outro igual: saibamos ao menos, reduzidos a nós mesmos por essa confrontação, expressá-la nos termos primeiros(...)”.²⁴ Polaridades opostas, Velho Mundo/Novo Mundo, que o pensamento alegórico levistraussiano alude como estruturas, nos termos de seus estudos sobre a América indígena e seus ancestrais, mas que, do ponto de vista da civilização urbana sob os Trópicos, não chegam a sua expressão antagonista mais pura, residindo nessa faceta o destino trágico e,

²³Idem, p. 390.

²⁴Idem, p. 372.

por isso mesmo triste, segundo expressão do autor, da vida humana sob os Trópicos.

Mas se, hoje, pode-se dizer que *Tristes Trópicos* é uma obra que não responde às expectativas de uma antropologia do mundo urbano contemporâneo, sua escritura significou, sem dúvida, a presença de uma descontinuidade não só no corpo das obras deste autor, mas também na própria trajetória da matriz disciplinar da Antropologia. Com Lévi-Strauss, após a publicação de *Tristes Trópicos*, não somente os povos “primitivos”, “diferentes” ou “exóticos” tornaram-se objetos privilegiados dos estudos antropológicos, mas provocaram uma reflexão diferida das diferenças que o antropólogo vivencia em sua própria sociedade. Integrados numa totalidade maior, “nós” e “eles”, tornamo-nos objetos de investigação; o movimento/deslocamento, anunciado em *Tristes Trópicos*, transformou a etnologia em uma disciplina moderna, na perspectiva do que Lévi-Strauss explicita, nos anos 70, quando alerta para os perigos de o antropólogo, no mundo contemporâneo, anular ou nuançar o ponto cego da Diferença no interior da conformação da Identidade do *próprio* do etnógrafo, o que significaria o perigo de esse incorrer num *etnocentrismo por anexação*.²⁵

Nessa perspectiva, a honestidade a qualquer preço que impregna a escritura etnográfica dos *Tristes Trópicos* situa essa obra do pensamento levi-straussiano como transgressora à crise que prendia a Antropologia aos cânones de um objeto de estudo específico e historicamente congelado na qualidade de povos exóticos tal qual inaugurados pelos postulados evolucionistas. Se o Ocidente produziu etnógrafos avalia o autor em *Tristes Trópicos*, “certamente, foi porque um remorso muito forte devia atormentá-lo, obrigando-o a confrontar sua imagem com a de sociedades diferentes na esperança de que refletissem as mesmas taras ou o ajudassem a explicar de que maneira as suas se desenvolveram no seu seio”, e complementando, mais adiante: “(...) o etnógrafo pode se desinteressar de sua civilização e pouco se envolver com seus erros na medida em que sua existência mesma é incompreensível, a não ser como uma tentativa de redimir: ele é o símbolo da expiação”.²⁶

Alargando a liberdade à ordem geral do mundo, ao refletir sobre a fome, o lixo, as imundícies, a miséria, a desordem, as secreções, as purulências, o ajuntamento, a promiscuidade e as ruínas da civilização urbana sob os Trópicos e sua ação devastadora para as regiões mais distantes do planeta Terra, Lévi-Strauss, na expressão magistral de contradição de uma lúcida “mente europeia”, propõe o olhar relacional sobre si e sobre o outro, numa (auto)crítica ao ato do mundo ocidental de destruição das culturas, em meio à perplexidade da presença da Diferença: “Era como se os especialistas do outro lado do Atlântico procurassem impor à América indígena essa ausência de profundidade que caracteriza a história contemporânea do Novo Mundo”.²⁷

²⁵Cf. LÉVI-STRAUSS, Claude. *Actes du Séminaire “L’Identité”*. Paris: Quadrige/PUF, 1983. (1^{re} édition: Grasset et Fasquelle, 1977). p. 330 a 332.

²⁶LÉVI-STRAUSS, Claude. Op. cit., 1998.

²⁷Cf. LÉVI-STRAUSS, Claude. *Actes du Séminaire...* Op. cit.

Rastrear as estratégias de escrita em *Tristes Trópicos* pode remeter o leitor simplesmente à superfície da arte da narrativa etnográfica tecida a partir dos jogos relacionais através dos quais Lévi-Strauss constrói a própria impressão e o espanto do antropólogo no sentido de sua intenção inicial: explicar a totalidade que abarca a vida humana através de sua percepção entre o Velho e Novo mundo, entre ciclo longo (Europeu) e ciclo rápido (América, Ásia). Entretanto, adentrar-se às profundezas do pensamento levistraussiano expresso nessa obra exigiria mais de seu leitor, isto é, significaria sua disposição em rastrear a estética do “tempocentrismo histórico” que preside a configuração da intriga engendrada pela narrativa etnográfica do autor.²⁸

Ao término da leitura de *Tristes Trópicos* fica, portanto, no leitor, uma sensação incômoda: o Novo Mundo não é uma extensão pura e simples do Velho Mundo, ele possui sua lógica interna que o singulariza, e é diante dessa constatação banal que o pensamento eurocêntrico do autor se fragiliza. Nesse sentido, contrariando a arrogância do pensamento eurocêntrico, no Novo Mundo, o tempo *existe*²⁹, com toda a força do termo, e em sua forma vibratória, para além de um princípio de uniformidade a ele atribuído pela Europa das Vitórias, surpreende a tal ponto o etnólogo que ele próprio admite: sob os Trópicos trata-se antes de reconhecer uma “entropologia” e nem tanto uma antropologia³⁰.

Nesses termos, não há discordância entre o que aqui se está referindo e os comentários que propõe C. Geertz³¹ ao anunciar que Lévi-Strauss não quer que o leitor se espelhe no texto, quer que se espelhe nele e, assim procedendo, segundo a via interpretativista, tornar-se-ia muito difícil olhar através dele. No entanto, pode-se, indo-se além, ler *Tristes Trópicos* às avessas. Isto é, capturar na sua escritura e na trama que aí se desenrola, a revelação da árdua tarefa que muitos antropólogos franceses têm, até hoje, negligenciado, ou seja, o mergulho profundo nos tempos históricos internos de sua própria tradição cultural e nas reminiscências do processo de construção da identidade nacional francesa, fenômeno do qual decorre a insistência do pensamento levistraussiano, nessa obra, em construir a figura do outro na figura do árabe, do asiático ou do americano em vez do francês e do europeu.

Nesse sentido, há que se ler, hoje, *Tristes Trópicos* no sentido de descobrir a tristeza, não dos Trópicos, mas do pensamento moribundo de um Velho Mundo que agoniza e onde as promessas de um destino faustiano da época da Europa das Vitórias não se cumpriram. Isso nos remete aqui a lembrar as derradeiras palavras do autor que encerram *Tristes Trópicos*: “E se é por esse nós que enfim opto, embora se reduza a uma aparência, é porque, a não ser que ele me destrua – ato que suprimiria as condições de opção –, só tenho uma escolha possível entre essa aparência e nada”.

²⁸ “Um novo continente que ele priva de um tempo-história. Uma estranha forma de etnocentrismo ou de tempocentrismo – num antropólogo”, sugere Canevacci In: CANEVACCI, Massimo. São Paulo e Nova York ‘dentro’ de Lévi-Strauss. *A cidade polifônica*. São Paulo: Studio Nobel, 1993. p. 85.

²⁹ BACHELARD, Gaston. *La dialéctique de la durée*. Paris: PUF, 1989.

³⁰ LÉVI-STRAUSS, Claude. Op. cit., 1998. p. 390.

³¹ GEERTZ, Clifford. *El antropólogo como autor*. Barcelona: Paidós Studio, 1989. p. 58.

Cornélia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha são doutoras em Antropologia e professoras do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.